



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB/DCH-VI
COLEGIADO DO CURSO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E
LITERATURAS**

**O CORPO FALA, POUCOS ESCUTAM: IDENTIDADE NEGRA NA
REPRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS DA LITERATURA INFANTIL
BRASILEIRA**

Artigo apresentado ao Colegiado de Letras do
DCH-Campus VI, UNEB, como requisito para
obtenção do título de Graduada em Letras:
Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientadora: Profa. Dra. Luciete de Cássia
Souza Lima Bastos

Orientanda: Alete de Oliveira Silva

CAETITÉ, BA

2023

**O CORPO FALA, POUCOS ESCUTAM: IDENTIDADE NEGRA NA
REPRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS DA LITERATURA INFANTIL
BRASILEIRA**

*Cabelos enroladinhos, enroladinhos.
Cabelos de caracóis pequeninos
Cabelos que a natureza se deu ao luxo
de trabalhá-los e não simplesmente
deixá-los esticados ao acaso
Cabelo pixaim Cabelo de negro
(Cadernos Negros, 1978).*

Resumo

Este artigo, com viés bibliográfico e exploratório, pauta-se nas publicações teóricas sobre o tema e analisa as personagens negras na literatura infantil em três obras publicadas em diferentes épocas, buscando compreender como as personagens negras são representadas e se tais representações podem contribuir para a construção das subjetividades da criança negra de forma positiva. Frente ao que foi analisado, verificou-se a relevância da literatura infantil como um instrumento de grande valia para a construção da identidade das crianças negras, assim como para a compreensão das crianças não-negras sobre as diferenças, conduzindo-as a uma convivência cotidiana respeitosa, por conhecerem as características históricas, culturais, a ancestralidade africana, assim como a importância da diversidade para a constituição plural da sociedade brasileira.

Palavras-chaves: Literatura Infantil. Personagens negras. Representação. Identidade.

Abstract

This article, with a bibliographic and exploratory bias, is based on theoretical publications on the subject and analyzes black characters in children's literature in three works published at different times, seeking to understand how black characters are represented and whether such representations can contribute to the construction of black children's subjectivities in a positive way. In view of what was analyzed, the relevance of children's literature was verified as an instrument of great value for the construction of the identity of black children, as well as for the understanding of non-black children about differences, leading them to a daily coexistence respectful, as they know the historical and cultural characteristics, African ancestry, as well as the importance of diversity for the plural constitution of Brazilian society.

Keywords: Children's Literature. Black characters. Representation. Identity

INTRODUÇÃO

A força da literatura infantil para a construção identitária de crianças negras e para as relações étnico-raciais positivas entre os pares necessita de ampla discussão e de

reconhecimento de sua importância. É na educação formal que as crianças exercitam sua subjetividade, pois a relação coletiva com não familiares oportuniza o contato com diferenças e semelhanças de modo significativo. Os livros literários, quando bem selecionados, são recursos excelentes para a identificação da criança negra que se vê neles representados, seja através das personagens e ilustrações, seja através da positividade como são descritas no texto. Esse material pedagógico pode contribuir, positiva, ou negativamente, para a formação identitária das crianças.

Esta pesquisa bibliográfica e exploratória teve por objetivo analisar três livros da literatura infantil: *A Bonequinha Preta* (1938) da autora Alaíde Lisboa de Oliveira; *O cabelo de Lelê* (2012) de Valéria Belém e *Amora de Emicida* (2018), para observar como o corpo negro é representado, sobretudo, atentar para o lugar que essas personagens ocupam na sociedade e se podem, ou não, contribuir para a construção da identidade de seus leitores. Realizar a leitura de narrativas da literatura infantil com personagens negras, pode ser de grande importância para a construção da identidade afro-brasileira e a compreensão das diferenças pelas crianças não-negras. Ademais construir essas subjetividades pode favorecer a formação de um leitor crítico ao se deparar com diferentes representações das personagens que ora apresentam traços físicos, históricos e culturais semelhantes aos das crianças negras de forma positiva, ora negativamente reforçando os estereótipos construídos ao longo do tempo, ou que, de forma sublinhar, defenda a existência de uma Democracia Racial no Brasil, o que sabe-se, jamais existiu. Essas subjetividades podem contribuir para a construção identitária dessas crianças.

A escolha deste tema não se deu ao acaso, nasceu da reflexão sobre a frequência de personagens brancos e a ausência de negros na literatura infantil durante muito tempo. A constatação de que havia muitas obras com protagonistas brancos causou bastante inquietação e instigou a observação de narrativas infantis, cujas personagens fossem negras, de modo a proporcionar aos leitores identificação com as obras por haver valorização dos traços físicos, culturais e/ou históricos da raça negra com grande parte de seus leitores.

Até bem pouco tempo, era escassa a presença de personagens negras na literatura infantil e, quando eram representadas, ocorria de forma negativa ou estereotipada, o que favoreceu a disseminação do racismo e consequente de preconceito e de discriminação das crianças negras. Era frequente a representação das personagens brancas, principalmente nas obras traduzidas do francês Charles Perrault e dos irmãos alemães

Jacob e Wilhelm Grimm, com fortes características positivas a elas atribuídas como padrão de bondade, beleza, inteligência, esperteza, entre outras qualidades.

Por entender a infância contemporânea como uma geração de sujeitos reflexivos e ativos socialmente, capazes de compreender, de reconhecer, de respeitar e de (re)significar discursos e imagens é que a escola necessita oportunizar às crianças em suas dimensões física, cognitiva, social e/ou cultural leitura de textos literários que contemplem diversos temas e que as ajude a evoluir de forma plena.

A partir da publicação da Lei 10.639/2003, que estabeleceu a obrigatoriedade da História e da Cultura Africana e Afro-Brasileira no currículo das redes de ensino, pululou publicações em Literatura infantil com personagens negras. Com a expansão de títulos com personagens negras, fez-se necessário problematizar a questão: como a representação positiva dos negros na Literatura Infantil pode influenciar a subjetividade das crianças positivamente de modo a auxiliá-las na constituição de sua identidade? Cabe à escola formar leitores críticos desde a pequena infância para contribuir para a edificação de uma sociedade mais justa e equânime.

Considerando-se a hipótese da influência das personagens negras na constituição da subjetividade da criança, dela emerge o objetivo de buscar compreender como elas são representadas em diferentes épocas na literatura infantil e sua importância para a formação identitária do leitor negro. Nessa perspectiva, este artigo faz uma breve revisão da história da literatura infantil brasileira a partir da inclusão da personagem negra nas narrativas para crianças e sua importância para a constituição da subjetividade dos leitores no que se refere ao reconhecimento de sua identidade afro-brasileira.

1. DIREITOS LEGALIZADOS E RESPEITO NÃO GARANTIDO

O Brasil foi o último país no mundo a exterminar a escravidão, fato que contribuiu para a perpetuação, até nossos dias, do sentimento de superioridade entre os brancos e de perseguição dos negros, com extrema violência e desconsideração à vida, gerando distorções de direitos, inclusive com relação às necessidades básicas de sobrevivência. Constatações a que se pode chegar numa pesquisa rasa em jornais televisivos, físicos ou em sites de notícias, a maior população carcerária e o maior número de mortos sem motivo que o justifique são de pessoas negras. O Brasil é um país racista, desde sua estrutura, como argumentou Silvio Almeida (2019), não há como negar.

Embora haja tanto retrocesso, algumas leis foram publicadas buscando garantir os direitos dessa etnia e assegurar um pouco de esperança num mundo melhor para as novas gerações de brasileiros pertencentes às minorias.

A primeira foi a Carta Magna de 1988, seguida pela Nº 7.716/1989, que em seu artigo primeiro define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor e pune aqueles que o cometer. Reforçada pela Nº12.288/10, em seu caput e artigo quinto que institui o Estatuto da Igualdade Racial, garantindo que todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, assim como a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e tornando os crimes de racismo inafiançáveis e imprescritíveis.

Não obstante desde a Constituição Federal (BRASIL, 1988) os negros tenham conquistado igualdade de direitos e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)- Lei Nº 9.394/96, posteriormente, tenha ratificado esses direitos extensivos à educação para que tenham acesso à história e à cultura de seu povo como os demais grupos étnicos, ainda hoje muitas crianças pretas são discriminadas e tratadas com inferioridade.

Numa sociedade racista como a nossa em que a desvalorização da etnia negra é sociocultural, a construção da identidade desse povo nunca foi fácil, conforme asseverou Munanga (2004), trata-se de “[...] um processo doloroso” (p.52), nasce com a forma desumana com que foram incorporados em nossa sociedade e, como tal, essa visão de subalternidade é histórica e política, mais que fenotípica. Embora o tipo de cabelo e a cor da pele seja um aspecto que causa maior dor, chega antes da pessoa e é criticado pelos não-negros.

Em 2014, a pesquisa de Iris Maria da Costa Amâncio, divulgada no livro *Literaturas africanas e afro-brasileira na prática Pedagógica*(2014), afirma que embora a Lei 10.639/03 tenha incentivado a realização de inúmeros cursos sobre a História de África e da cultura afro-brasileira em todo território nacional, sua efetivação de fato, pois embora transcorridos 20 anos de sua publicação, ainda caminha a passos lentos, ainda há muito a ser feito para que os professores e demais envolvidos com a Educação, assim como escritores, ilustradores e críticos sejam motivados a transformar a mentalidade racista de nossa sociedade. É nesta lei que a escola precisa se respaldar para formar brasileirinhos que, humanizados, vejam a diversidade étnica como uma oportunidade de enriquecimento histórico e cultural. Como realçou Munanga (2015), o conhecimento

histórico é o ponto de partida para a construção da identidade de um povo, não sendo “[...] por acaso que todas as ideologias de dominação tentaram falsificar e destruir as histórias dos povos que dominaram” (p. 31).

Por esse prisma é que se pode compreender a literatura como um caminho para o conhecimento e a humanização das crianças. E a literatura pode ser um veículo para a identificação das crianças negras? A partir de quando e como a personagem negra passou a frequentar a literatura.

2. A INCLUSÃO DA PERSONAGEM NEGRA NA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA

É possível questionar a inserção das personagens negras na literatura infantil e de que modo eram representadas ao longo de sua trajetória. À medida que buscamos construir um mundo melhor, onde as diferenças são respeitadas, a literatura, como representação da sociedade (Cândido, 2006), evidencia o comportamento e as relações nela estabelecidas. Até a promulgação da Lei 10639/03, referenciada anteriormente, as personagens negras não eram representadas e, quando acontecia, suas representações eram estereotipadas, com raríssimas exceções.

Ressalta-se que a invisibilidade e o silenciamento das personagens negras na literatura infantil deveu-se ao passado escravocrata que, ainda, pesa sobre a raça negra. Acrescido da teoria do branqueamento que a ele se seguiu, e que foi introjetado por muitos negros que não se reconheciam como tal. Quando havia referências sobre esta etnia a representação dava-se numa condição hierarquicamente inferiorizada, associada a questões raciais com características físicas e cognitivas atribuídas a um padrão enraizado no racismo e reforçado pela pseudodemocracia racial. Entende-se que dar visibilidade ao negro nas narrativas e sobretudo analisar o processo de desconstrução dessa hierarquização branca é abstrair-lo do lugar de coadjuvante e silenciamento para o de protagonismo e de direito a voz.

A Literatura Infantil no Brasil, como não poderia deixar de ser, nasceu com perfil pedagógico, aos moldes europeus, com franca demonstração de dependência cultural típica das colônias. Embora haja alguma produção anterior a Lobato, o marco deste gênero deu-se mesmo com a obra *A menina de Narizinho Arrebitado*, publicada em 1920, obra que revolucionou a literatura infantil brasileira no que se reporta à linguagem, esquivando-se das traduções das obras clássicas. Entretanto, motivado pelo contexto da

época e pela ideologia dominante, a obra traz passagens de racismo a exemplo do fragmento “[...] Além de Lucia, existe na casa a tia Anastacia, uma excelente negra de estimação, e mais a Excelentíssima Senhora Dona Emilia [...] (LOBATO, 1920, p.06. Ortografia original). Mesmo sendo alcunhada de tia, refere-se à Anastacia como se esta fosse um bicho de estimação da família, pode-se deduzir daí que, como todo animal, era adestrada para obedecer, pelo contrário o tratamento dado à branca era “excelentíssima”. Trata-se de um pequeno exemplo de diversos outros que povoam a obra de Lobato.

Esse racismo, iniciado na narrativa lobatiana, vem persistindo desde então, seja de forma explicitada, seja velada, permeada de preconceitos, de rótulos e banalizações da etnia, ignorando ou desmerecendo a contribuição do povo negro para a formação do povo brasileiro e sua importância histórica e cultural entre outras heranças relevantes. Não se afirma, neste texto, que a obra lobatiana foi um incentivo ao racismo que possa ter aparecido na literatura infantil posterior, principalmente porque nenhum dos autores, que tiveram em Lobato a inspiração para sua escrita, possuem vestígio de racismo, a póstelo, são eminentemente contra ele. Ademais não se pode obscurecer a importância de Monteiro Lobato para a Literatura infantil brasileira, ele foi o divisor de águas entre a literatura aos moldes europeus e uma escrita criativa, próxima do universo infantil e que antecipa a cultura da infância no que de melhor representa a brasilidade com personagens do folclore, por meio de uma linguagem própria que instiga a meninada à leitura.

Segundo Candido (1995 p. 245), “toda obra literária é antes de tudo uma espécie de objeto, de objeto construído; e é grande o poder humanizador desta construção”. Mas é preciso frisar que, para ser um veículo humanizador e de transformação, é necessário que as narrativas se fundamentem no respeito à pluralidade genética, histórica e cultural da qual o povo brasileiro é constituído. Ela é capaz de lapidar o imaginário humano e auxiliar na compreensão e na resolução dos conflitos subjetivos das crianças. Nesta perspectiva, faz-se importante averiguar sobre pesquisas que a esta precederam que tiveram por objetivo observar se a frequência de personagens negras aumentou na Literatura Infantil e se tais textos provocaram alguma transformação em seus leitores no que diz respeito à identificação com as personagens.

Numa busca por pesquisas que versavam sobre a participação do negro na literatura infantil localizou-se a investigação *Educação das Relações Étnico-Raciais: o estado da arte*, realizada entre os anos de 2003 e 2014, na qual foram analisados treze estudos em cursos *stricto sensu*, cujos resultados apontaram, via de regra, um consenso de que, mesmo tímidas, houve mudanças na representação das personagens negras, ainda

que representem a minoria das personagens nas publicações destinadas às crianças se comparadas àquelas cujos protagonistas são brancos.

No que concerne ao modesto aumento das representações positivas, reflexo de lutas sociais, Figueiredo (2010) corrobora com a pesquisa que a dele antecedeu. Transformação que a pesquisa de Araujo (2018) ratifica depois ao verificar a pouca representação de personagens negros nos acervos bibliotecários das escolas e em programas de disseminação de livros a exemplo do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). Autora não nega indícios de mudança ao constatar que o número de protagonistas negros vem crescendo nos enredos, mas a representação deles ainda é carregada de preconceito, pois são estigmatizados e estereotipados, imagens negativas que, ainda, acompanham a caracterização deles que são associados à subordinação aos brancos, à violência da qual são alvo e à miséria.

Tais constatações não são surpreendentes, considerando que as primeiras obras em que os negros foram representados, muitas vezes, não eram nominados, ou eram identificados por apelidos pejorativos, inferiorizados, marcados por características estereotipadas, racistas, ligadas à maldade, à feiura, à falta de higiene, ao banditismo, à violência a situações trágicas, preguiça, malandragem e subalternidade. Não é difícil de deduzir as consequências de tais representações e seus reflexos nas crianças negras leitoras que se sentiam depreciadas e inferiores e as crianças brancas acabaram por praticarem atitudes racistas respaldadas pela narrativa.

Considerando, principalmente, as narrativas traduzidas das clássicas histórias europeias que, fundamentada na suposta superioridade da raça ariana, representava o negro como raça inferior nos enredos, o que refletia nas dramatizações escolares, quando para representar aos príncipes e princesas eram escolhidas criança de pele clara, olhos azuis e cabelos loiros lisos e o antagonista, bruxas ou pessoas má, as crianças pretas. Nessa linha de pensamento, Oliveira (2003) exemplifica esse racismo em dois contos tradicionais *O patinho Feio*, recolhido por Andersen e *A noiva branca e a noiva preta* por Andersen no século XIX. Ambos depreciativos do preto; no primeiro conto, o patinho era feio e discriminado pelos irmãos por ser preto, só se tornando belo e admirado ao se tornar um cisne branco; na segunda história as irmã se deparam com um mendigo, e apenas uma delas se compadece do desvalido (na verdade Deus) que lhe concede três desejos em gratidão. A moça escolhe ser branca e bela. As irmãs recebem como castigo serem pretas e feias.

No início do século XX não houve mudanças significativas. Revisitando a obra de Lobato, num determinado momento o Dr. Caramujo chama Anastácia (com “A” mesmo na primeira edição) de “curandeira vulgar”, ratificando a crença de que todo preto é macumbeiro. E noutra passagem em que ela foi transformada em galinha preta a frase deixa evidente o modo depreciativo com que Nastácia é tratada “Nastácia é aquela horrenda galinha preta que mais parece urubu” (França, 2006) A obra do autor gera bastante controvérsias, se por um lado foi o primeiro a dar voz a um personagem negro na literatura; por outro, a representatividade da etnia refletiu as relações entre brancos e negros que vigorava na sociedade de um governo ditatorial, por conseguinte sua obra não serviu para quebrar estereótipos arraigados nas obras clássicas aqui disseminadas, para alguns críticos até reforçou.

Na década de 1960, a literatura infantil rural, na escrita de Lobato, ganha novos ares e as cidades passam a ser palco dos enredos. Urbanizada, ela introduz elementos políticos e vai se emancipando do patriarcado. Escritores renomados como Vinícius de Moraes, Clarice Lispector e Mário Quintana escrevem também para crianças e, na década subsequente, autores como Ana Maria Machado, Ruth Rocha e Ziraldo impulsionam o gênero.

Mas foi, a partir de 1980, com o Boom da literatura, que a escrita para a criança brasileira vem conquistando reconhecimento internacional. Em 1982 Lygia Bojunga e Ana Maria Machado em 2000 foram agraciadas com o Prêmio Hans Christian Andersen, considerado o maior prêmio internacional para o gênero e, em 2014, Roger Mello conquistou o prêmio de melhor ilustração.

Nesse percurso emancipatório da Literatura infantil, a personagem negra ganhou alguma representatividade. Vale citar dois exemplos relevantes que enaltecem a beleza negra: *Menina Bonita do Laço de Fita* de Ana Maria Machado e *O menino marrom* de Ziraldo. Ambos lançados em 1986, relatam as relações afetuosos entre personagens de tonalidades de pele diferentes e referenciam o formato e a cor dos belos olhos negros, fazendo analogia com a beleza do “[...] pelo da pantera negra” e os olhos do menino preto como “jabuticaba madura”. No livro de Machado, o melhor amigo da menina é um coelho branco que a acha tão linda que deseja que um de seus filhos nasça com a cor dela. O menino de Ziraldo possui traços negros bem definidos e, por isso mesmo, é muito bonito, sua pele é como chocolate puro. O amigo dele é rosa e ambos brincam de descobertas, inclusive sobre os vários tons de cutis. Ambos foram leitores da obra de Monteiro Lobato como Ruth Rocha, Angela Lago, Silvia Orthof, Lygia Bojunga, Pedro Bandeira entre

tantos outros nomes relevantes da literatura infantojuvenil brasileira que nunca demonstraram preconceito de cor em suas obras; informação que permite deduzir que, embora a obra de Lobato tenha sido considerada racista por algumas pessoas, ela não influenciou nenhum de seus leitores ao racismo.

O livro, *A bonequinha Preta* de Alaíde Lisboa de Oliveira, publicado no ano de 1938, surpreendeu os leitores ao apresentar ao público uma personagem negra que rompeu com a caracterização negativa, ou estereotipada, até então, frequente na literatura infantil, antecipando em mais de 40 anos as obras de Ziraldo e de Ana Maria. Trata-se de uma narrativa delicada e sensível que aborda tema universal como a amizade, a obediência, o perdão e a solidariedade, concomitantemente é uma história de movimento e aventura. Pode-se afirmar que é uma narrativa precursora, mesmo que tímida ainda, rumo às discussões sobre o racismo e a representação do negro na literatura para criança.

Escrito com frases curtas e vocabulário simples, atende ao objetivo da autora, pois destina-se às crianças em fase de alfabetização. Embora não espevitada tanto quanto a Emília de Lobato *A Bonequinha* de Alaíde, também, tem vida própria e é bonita, uma beleza preta até então ignorada. A autora dá relevância à beleza da boneca “Preta como carvão” e tem olhos bem redondos. A menina branca da história ama e cuida de sua bonequinha como a uma filha.

Um grande hiato se formou desde a publicação do livro de Alaíde até a década 1980 quando as personagens pretas voltaram a povoar a literatura infantil, cada vez mais conectada com questões das minorias à medida em que o tema avançou social e politicamente. Mas a questão racial deslanchou, com mais vigor, a partir de 2003 com a publicação da Lei 10.639. Atualmente, e não por acaso, a temática tem se mostrado bastante articulada com os movimentos negros e discussões acadêmicas, o que a torna um veículo de formação de crianças antirracistas se bem trabalhada na escola. Principalmente em razão de ela, melhor que quaisquer outras linguagens ou gêneros literários, adequar-se às novas mídias o que lhe confere um futuro bastante promissor, considerando que a atual infância é uma geração conectada às tecnologias.

Nos anos de 2014 e 2015, o Ministério da Cultura, por meio da Diretoria de Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas (DLLLLB) e da Secretaria do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), investiu em eventos para incentivar a leitura com lançamento de editais de apoio à iniciativas de produção literária e fomento à leitura, o que contribuiu sobremaneira para a disseminação de mais histórias com personagens negras. Vários prêmios foram instituídos com o objetivo de incentivar boas práticas e inovações nas

bibliotecas públicas, assim como para a difusão de metodologias que foram premiadas pelo Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP) em 2015. Ainda no mesmo ano, instituiu-se o Prêmio leitura para todos: projetos sociais de leitura, direcionado à sociedade civil, cujos resultados tenham sido exitosos; e Bolsas de fomento à literatura, como o próprio nome indica, com o objetivo de favorecer projetos para criação, formação, produção, difusão e pesquisa literária. E a iniciativa mais importante: a criação do Circuito nacional de feiras de livros e eventos literários que apoiam a realização de feiras em todo território nacional com o objetivo de fomentar a venda de livros, promover a leitura e difundir a literatura no âmbito do Calendário Nacional de Feiras de Livros e Eventos Literários.

A promoção desses eventos com incentivo público é de extrema importância para disseminar a literatura, colocar em evidência novas produções, escritores em diálogo, leitores e autores em contato, disponibilizar livros, criar rodas de conversa entre leitores com gostos afins, promover mesas com palestras de leitura crítica, demonstrar possibilidades de dramatizar obras, recitação de poemas, sensibilizar o público, promover mostra de colecionadores de livros esgotados, entre outras atividades com o objetivo de estimular o gosto pela leitura, principalmente entre o público mais jovem.

Estes momentos de celebração da literatura é uma tarefa desafiadora e ao mesmo tempo apaixonante e estimuladora dos sentidos, uma motivação para aqueles que trabalham com o texto literário.

Na Bahia, segundo site oficial do governo¹, atualizado em setembro do ano em curso, 39 (trinta e nove) Feiras Literárias foram divulgadas, entre aquelas realizadas e por realizar, em diferentes cidades do estado. Todas elas com resultados bastante promissores para escritores, editores e leitores. Vale ressaltar a importância dos eventos para expandir a cultura erudita e popular local para os visitantes da feira.

3. ANÁLISE DAS OBRAS DA LITERATURA INFANTIL

Neste tópico, pretende-se analisar as obras selecionadas, as quais trazem, cada uma a seu modo, a representação dos negros na literatura infantil brasileira, desconstruindo o padrão europeizado e a cultura do silenciamento de personagens pretos na literatura.

¹ <http://www.fpc.ba.gov.br/livro-e-leitura-incentivo-a-leitura-eventos-literarios/>

A cor da pele, o tipo de cabelo como o contorno do nariz e espessura dos lábios, sempre foram motivo de preconceito contra o corpo negro, numa política racista de inferiorização dos traços fenotípicos caracterizadores da ancestralidade africana. De tal modo que a sociedade branca, por ignorância, aglomerava num único grupo as diferentes etnias do continente. Sequestrados da costa Oeste de África, os africanos originários de três distintos grupos sudaneses (iorubas, gegês e fanti-ashantis) vindos do que, atualmente, conhecemos por Nigéria, Daomei e Costa do Ouro, tinham por destino a Bahia, os guinenos-sudaneses muçulmanos (fula, mandinga, haussas e tapas), tinham a mesma origem e destino dos grupos anteriormente citados, diferenciando apenas por serem convertidos ao islamismo; e os bantus (angola-congoleses e moçambiques) oriundos do que hoje conhecemos por Angola, Zaire e Moçambique, correspondentes ao centro-sul do continente, aportaram no Maranhão, Pará, Pernambuco, Alagoas, Rio de Janeiro e São Paulo².

A escravidão deixou sequelas irreparáveis, algumas delas sendo superadas na contemporaneidade por meio dos esforços dos movimentos negros, seguimentos sociais antirracistas e Leis que buscam reparação por meio da garantia dos direitos dos afrodescendentes, assim como de sua história e cultura.

A literatura é a representação da sociedade numa narrativa ficcional, assim sendo, por séculos suas páginas não traziam personagens negros e, nas raras aparições eram representantes de personagens subalternos, inferiorizados, estereotipados, ridicularizados, evoluindo para tímidos e silenciados personagens secundários. A literatura infantil, assim como aquela indicada para adultos, seguiu esse mesmo caminho, pois uma sociedade racista e escravocrata não ofereceria leitura para suas crianças com pretos em situação de poder. Destarte, os escritores evitavam conflitos criando histórias, ou traduzindo, com personagens brancos.

Com o tempo, as narrativas “evoluíram”, passando da completa exclusão de personagens negros nos seus enredos, para personagens inexpressivos, invisibilizados, ou caricaturados, razão pela qual a cor da pele e o crespo do cabelo que veste o corpo desta pesquisa, incomodados, impulsionaram a busca por publicações, cujas narrativas

2

https://www.faecpr.edu.br/site/portal_afro_brasileira/3_II.php#:~:text=A%20proveni%C3%Aancia%20dos%20escravos%20percorria,guinenos%20sudaneses%20mu%C3%A7ulmanos%20e%20bantus

privilegiassem a representação da negritude de forma positiva, respeitosa e crítica, de modo a proporcionar às crianças leitoras identificação e/ou respeito às diferenças.

Para tanto, foram escolhidas três obras *Bonequinha Preta* da autora Alaíde Lisboa, *O cabelo de Lelê* de Valeria Belém e *Amoras (2018)* de Emicidas, as quais contêm personagens negras no papel de protagonistas e cujos traços físicos e culturais são enaltecidos. A segunda e a terceira obras fazem parte de um processo de desconstrução do estereótipo negativo, compreendendo que é na infância que se começa a construir a identidade étnico-social e as histórias narradas/lidas para/por crianças tem papel fundamental nesse processo de formação.

3.1 A BONEQUINHA PRETA DE ALAIDE LISBOA

*Bonequinha Preta, você gosta muito de mim?
Gosto muito de você, Mariazinha.
E você, Mariazinha, também, gosta muito da Bonequinha Preta?
Gosto muito de você, minha Bonequinha Preta.
Alaíde Lisboa(1938)*

A inspiração para escrever esta obra, segundo as palavras da autora à editora Lê: “Eu não aguentava ver só bonecas louras de olhos azuis. Queria criar uma boneca de cor negra.”³ A principal intenção Alaíde Lisboa era mudar a concepção sobre personagens de literatura infantil. E ela estava certa, sua obra é inédita não apenas com relação a bonecas, mas a representação da personagem negra de forma mais natural e distanciada dos estereótipos que a precederam.

A *Bonequinha Preta* foi lançada em 1938, década em que as questões raciais engatinhavam, razão pela qual a história não contém um convite explícito para discutir temas densos, como injúria racial ou racismo. Embora não intencional, ofereceu às crianças negras um referencial positivo de identidade, razão pela qual é uma obra que passa a mais de 80 anos de pais para filhos. Ela é uma obra pioneira a narrar uma história, cuja protagonista é uma boneca preta, algo inédito nos livros infantis daqueles tempos em que a censura fazia triagem do que poderia ou não ser publicado. Apesar de a literatura

³<https://le.com.br/blog/a-bonequinha-preta/>

infantil ser uma das poucas que conseguiu ultrapassar barreiras e fazer críticas subentendidas ao regime autoritário, o tema sobre questões raciais só foi abordado novamente em 1986, com *Menina Bonita do Laço de Fita* de Ana Maria Machado e nesse período a *Bonequinha Preta* ganhou maior visibilidade.

O foco da análise deste livro é compreender se a representação desta personagem negra precursora na literatura infantil brasileira é positiva, ou não, para seus leitores, para tanto, refletimos sobre sua caracterização, sobre seu desempenho na obra e a comparamos, em algum momento, com a Emília de Monteiro Lobato.

A boneca pertence a Mariazinha que a ama muito. A cor da boneca de pano, embora comparada a carvão, não é de forma pejorativa que a correlação é feita, pois em seguida, a autora afirma sobre sua beleza: “A boneca de Mariazinha é preta igual carvão./A boneca de Mariazinha é muito bonita!./Ela tem duas trancinhas, tem boca vermelha/ e os olhos bem redondos.” (Oliveira, 1938, p.5) Trata-se de uma descrição que enaltece os traços da boneca, os cabelos longos em traças, lábios vermelhos e os olhos redondos e negros, fazendo o leitor a pensar em jabuticabas maduras e doces.

Outra inovação desta obra é a protagonista ser uma boneca de pano, que é sapeca e a dona dela não consegue controlá-la. Não há referências se esta boneca de pano foi inspiração para que Monteiro Lobato criasse a Emília, considerando que ela também é espevitada e feita de tecido, mas é uma possibilidade interessante de questionar. A pergunta que ficará no ar por não ter sido objetivo desta pesquisa é: Será que Emília foi protagonista na obra de Lobato para se contrapor à criação de uma boneca negra por uma autora? Esta pergunta, no mínimo, remete a questões sobre o lugar das minorias como dos pretos e das mulheres na literatura infantil lobatiana.

Ao realizar uma comparativa entre as personagens bonecas das obras de Lobato e Alaíde percebe-se que elas, embora tenham características similares, como, por exemplo, serem confeccionadas de tecidos, serem teimosas, desobedientes, levadas, aventureiras e serem amadas por suas donas; elas se diferenciam noutros aspectos, Emília é branca e ganhou algumas capacidades humanas como falar, andar e pensar, enquanto a *Bonequinha Preta* é objetificada. Da observação pode-se inferir que a boneca, personagem lobatiana, é humanizada superando a condição de objeto a que foi relegada a *Bonequinha de Alaíde Lisboa*. Enquanto a boneca de Narizinho foi nomeada a de Alaíde é chamada de *Bonequinha Preta*, talvez em razão da autora desejar reforçar que não se trata de uma boneca branca, que tanto a enfadavam.

Mesmo que o protagonismo da *Bonequinha Preta* seja limitado, por ela não falar e pensar como humanos, há que se valorizar o seu papel representativo, até então, atípico na literatura, compreendendo-se esta inovação como um padrão que contempla conquistas na literatura infantil, embora a ela não tenha se seguido outras por décadas.

Na narrativa, a protagonista destaca-se por ser uma boneca de pano preta. Embora seja uma oportunidade para os temas da cor da pele e sobre a diversidade étnica serem discutidos por sua relevância, esta obra não faz, como foi escrito, a ênfase é dada à aprendizagem pela obediência e a consequência resultante da teimosia, um padrão tradicional que adota a literatura para fins pedagógicos e moralizantes, ademais não era comum à época discutir-se tais questões na sociedade. Mesmo assim, a obra é pioneira em representar uma protagonista negra que, como toda criança, é curiosa, aventureira, teimosa e se arrisca no desconhecido, o que indiretamente pode servir de identificação da pequena infância preta que se vê representada na história e com características comuns à cultura das infâncias. Vale ressaltar, também, que Alaíde não reforça o estereótipo negativo do negro, frequentemente, hostilizado na literatura, a exemplo de Lobato que, embora tenha caracterizado Tia Nastácia como uma contadora de histórias, própria dos griôs africanos, e das amas de leite das sinhazinhas, não deixa de injuriá-la com adjetivações grotescas como: preta, negra beijuda e negra velha e tantos outros termos pejorativos.

Historicamente, as duas obras representam a literatura infantil de uma determinada época, em que era escassa a presença de personagens negras, se no caso de Lobato os traços marcantes são depreciativos, na *Bonequinha Preta* isso não acontece. Mariazinha demonstra todo seu amor, carinho, dedicação e cuidado: “Mariazinha tem muito cuidado com a Bonequinha Preta./ Mariazinha dá banho na Bonequinha Preta.” (Oliveira, 1938, p 6) “Boneca pequena não pode andar muito./Antes de sair, Mariazinha diz à boneca: Bonequinha Preta, vou passear com mamãe” (Oliveira, 1938, p.10)

Enquanto, Lobato dota a boneca branca Emília com recursos linguísticos que contribuem para que a personagem se torne marcante na narrativa, caracterizando-a sem travas línguas, sem filtros que despertem o senso crítico, ele dá voz a Emília, com suas memórias, sua determinação e teimosia. Mas seus sonhos, suas dificuldades e seu modo de dizer as verdades “nada mais é do que uma mentira bem contada.” (Lobato, 2007, p. 13). Seguindo esta lógica, a boneca de pano desperta questionamentos que comunicam com leitor, sempre trazendo uma imagem de esperteza, o que intensifica sua posição humanizada.

Se lida de forma superficial, ou preconceituosa, dirão que *A Bonequinha Preta* pode ser considerada um reforço ao racismo instituído na sociedade, se levado em conta que se trata de uma menina branca, Mariazinha, senhora de uma boneca preta, que a ela é submissa, portanto lhe deve obediência, sendo considerada um objeto de uso da menina, numa relação entre serva-senhora. Bell Hooks, assim se posiciona sobre a obra:

[...] nessa obra, podemos ver a relação serva-senhora, pois a figura do corpo negro é subjugada a uma pessoa branca, a menina branca é boazinha e a boneca preta, desobediente. A boneca é descrita pejorativamente como cor de carvão e a imagem negra aparece objetificada na figura do brinquedo, cuja dona é uma pessoa branca. (HOOKS, 2013)

Pela primeira vez, o olhar criterioso de Bell Hooks apresenta-se um tanto quanto equivocados, é impossível afirmar se a leitura foi feita de forma aligeirada, ou se turvada pelo preconceito de que tudo que se refere, ou se escreve sobre a relação negro/branco vem carregado de preconceito e racismo. Para desconstruir essa imagem racista que Hooks aponta, é melhor ir por partes. Principia-se pela dona da boneca, a maioria das crianças que tinham acesso a bonecas na década de 1930, eram crianças brancas. Nesse sentido, é importante afirmar sobre a discrepância econômica entre brancos e pretos, que garantia aos primeiros poder em todos os segmentos e retirava dos segundos todos os direitos que deveriam possuir. Com relação a bonecas, todas, sem exceção, são objetos de manipulação das crianças que subvertem a imaginação colocando-as em situações similares às aquelas que vivenciam, seja no lar, seja na escola. Nesse sentido, são as crianças -negras ou brancas- as subjugadas pelos adultos, tolhidas de voz e impedidas de exercer a criatividade e a imaginação, submetidas à violências e castigos, ações que repetem com suas bonecas.

Não é apenas a boneca preta a representação da desobediência, como representativas das infâncias, as bonecas à semelhança das crianças independentemente se brancas, pretas, vermelhas, orientais, todas são submetidas a essa condição, quanto mais embrutecida a criança, mais a sua boneca sofre consequências.

Há que se levar em conta que até recentemente era impossível conseguir bonecas pretas para comprar, difícil também era/é uma mãe negra comprar para filha uma boneca preta, ela mesma, ou a filha, não queriam. A razão é conhecida, a negação da identidade por anos de perseguição e racismo. Somente mães empoderadas confeccionam bonecas pretas para as filhas se identificarem, quando o mercado se negava a oferecer. Trazer para

literatura infantil, naquela época uma criança branca que preferiu ter uma filha imaginária pretinha do que branquinha é uma grande evolução. A criança vê uma filha desobediente e não uma preta desobediente, tanto que seguida de preta como carvão vem a afirmação da beleza da cor, da boca e dos olhos.

Vale ressaltar sobre a relevância de observar o todo, sob diferentes perspectivas para não revelar outra história única como já escreveram os brancos. Não cabe à sociedade brasileira ser dicotomizada em brancos e negros, porque as cores são múltiplas e as culturas plurais.

Negar a o pioneirismo da obra de Alaíde é injustiçá-la perante todas as gerações que a leram e que em sua obra se viram representados, de tal forma que levaram adiante, apresentando-a aos filhos e netos.

A obra favorece o respeito à diversidade étnico-cultural e à formação crítica do leitor. Nota-se um grande avanço na literatura brasileira que buscam trazer personagem negros como protagonistas que descontroem padrões europeus, enraizados na nossa sociedade. Silva (2009), ao retratar essa questão, nos alerta para o fato de que a escola precisa enxergar todos alunos como cidadãos, porque se a instituição, nem a escola a sociedade vê-los como tal, como eles próprios poderão se ver com direitos. Hoje, mais que nunca, muitas obras estão sendo publicadas, pautadas na ressignificação da origem dos povos afro descendentes, nas quais as personagens são caracterizadas de forma positiva, em que as relações étnico-raciais são tratadas de forma explícita e com as quais as crianças pretas se identificam.

Essas obras que valorizam a etnia negra com suas especificidades físicas, históricas e culturais resgatam a autoestima das crianças que se veem representadas de forma positiva nas personagens, com respeito à sua ancestralidade, possibilitando a percepção de que nosso país é constituído por uma população multicultural.

Não diferente dos livros infantis da época, *A Bonequinha Preta* intenciona formar valores morais, a autora considerou a psicologia infantil e o gosto das crianças pelo brincar e pela fantasia. Como todo bom livro, a história trata de assuntos sérios de uma forma bastante lúdica a exemplo de amor, da amizade, do perdão, da solidariedade e da obediência; assim como da consequência da desobediência, do medo e dos perigos. E, de forma, indireta, oportuniza tratar da questão étnico-racial, uma vez que sua protagonista é preta: “negra como carvão”.

E, na mesma entrevistas, antes citada, Alaíde afirmou que uma de suas felicidades com a obra foi “[...] saber que isto ajudou a combater preconceitos raciais. Tenho muito orgulho de saber que crianças negras se identificaram com a personagem e se encontraram em sua leitura. (LISBOA, 1938)

3.2 O CABELO DE LELÊ DE VALÉRIA BELÉM

*Joga pra lá,
Puxa pra cá.
Jeito não dá,
Jeito não tem.
De onde vem tantos cachinhos?,
A pergunta se mantém.
Valéria Belém (2012)*

Engana-se quem pensa que apenas escritores negros podem/devem narrar sobre as questões que dizem respeito à etnia, com o risco de adentrar numa minimização da literatura produzida por negros, ou afrodescendentes, criando-se uma outra forma de discriminação. Há brancos que compreendem que não são capazes de descrever a dor sentida pelos negros nos ataques racistas, entretanto, tentam se colocar no lugar e, de modo sensível, são capazes de escrever sobre as questões que afetam os afeta. Como escreveu Domício Proença Filho (2004),

É importantíssima a ocupação pelos negros e seus descendentes de espaços literários e de outros espaços igualmente culturais até então timidamente frequentados. O caminho vem sendo percorrido. Alguns resultados, poucos, têm aflorado. Importa prosseguir na busca de uma plena e insofismável representatividade, até que se torne inteiramente dispensável a presença como marca de uma diferença redutora. Afinal, literatura não tem cor. (p.187)

É o que ocorre com Valeria Belém que, embora seja uma mulher branca, foi capaz de escrever vários livros que podem elevar a autoestima da criança negra como, por exemplo, *O espelho de Lelê* (2013), *O sorriso de Lelê*(2019) que juntamente com *O cabelo de Lelê* (2012) formam uma trilogia com a mesma protagonista.

No título, escrito em 2012, a autora narra sobre o drama enfrentado por uma garotinha negra, que não aceita seu corpo por não entender suas características fenotípicas, e passa a questionar sobre a sua origem. O que mais incomoda a protagonista são os cachos de seu cabelo. Seu crespo a deixa infeliz, “Lelê não gosta do que vê. - De onde vêm tantos cachinhos? Pergunta, sem saber o que fazer” (Belém, 2007, p. 4), de

onde eles teriam surgido, questiona-se. A narrativa gira em torno dessa origem: No fragmento citado, percebe-se que nas obras literárias há uma tendência aos conflitos e a representações realistas geradas no contexto social.

A relação entre cabelo crespo, identidade e beleza deve estar intrinsecamente ligados para que a autoestima da criança negra seja estabelecida. Conforme assevera Nilma Lino Gomes (2019),

O cabelo não é um elemento neutro no conjunto corporal. Ele foi transformado pela cultura, em uma marca de pertencimento étnico/racial. No caso dos negros, o cabelo crespo é visto como um sinal diacrítico que imprime a marca da negritude no corpo[...] A identidade negra é lateralizada, corporificada. [...] O cabelo como síntese da construção da identidade negra. (p.33)

A narrativa ressalta a relação da personagem, inconformada com seu crespo, por não obedecerem a sua arrumação. Esta não aceitação de seu crespo remete a uma realidade vivenciada por muitas meninas negras que, semelhantes a Lelê, tentam modelar seus cabelos a semelhança do padrão das não-negras e “Joga pra lá, puxa pra cá [...] Jeito não dá,

Lelé representa todos aqueles que buscam suas referências passadas, marcas de uma identidade na qual possam se espelhar, os traços fenotípicos são indicativos de pertencimento, mas não são os únicos, a história e a cultura ancestral é o caminho mais indicado para o reconhecimento de si. Por se tratar de uma história destinada a crianças o cabelo, como marca racial que mais discrimina e motiva atitudes racistas, foi escolhido como gatilho para dar a conhecer a história de África e a ancestralidade de Lelê, fazendo-a compreender que são essas diferenças étnicas que tornam as pessoas esteticamente belas, o cabelo crespo reforça a beleza dos corpos pretos.

Mariosa e Reis (2011) corroboram com esse pensamento ao afirmarem que “a carência da devida valorização das características físicas e culturais dos negros acaba por resultar em rejeição das crianças negras de sua ancestralidade e todos os símbolos a elas relacionados, prejudicando sua identidade em formação”.(p.51) O cabelo crespo é, pois, um artefato cultural que concorre para a formação da cultura afro-brasileira e para o processo de resignificação de mulheres que foram silenciadas em suas trajetórias pela rejeição e preconceitos enraizados. Os questionamentos de Lelê conduzem a constantes reflexões do leitor: “Como é o cabelo de Lelê?”, “Porque que Lelê não gosta do que vê?”, “O que ela quer saber?” e “O que vocês acham que ela vai fazer?” (Belém, 200, p.8) A autora convoca o leitor a pensar sobre o que sente a personagem, como ela lida com a

situação, como compreender as diferenças aceita-las quando se identificar e respeitá-las quando representar outra criança, mesmo porque, num país como o nosso miscigenado é muito difícil determinar quem é ou não pertencente a esta ou aquela etnia, principalmente com respaldo apenas na aparência física.

Na narrativa, há várias interrogações da personagem que busca, através de questionamentos, respostas para textura de seus cabelos que, a semelhança do que ocorre na sociedade, os crespos são motivo de rejeição por serem volumosos e não se subjugarem às escovas. Dialogando com Henriques (2002),

Dentre as violências experimentadas pelas crianças negras, está à negação do direito a uma imagem positiva que tem, particularmente sobre a autoestima das meninas negras, o seu efeito é danoso, sobretudo pela importância que a valorização estética tem sobre a condição feminina em nossa sociedade. (p.11)

As obras literárias podem contribuir, sobremaneira, para a desconstrução da violência sofrida por meninas negras na sociedade, ao proporcionar enredos em que personagem protagonista seja preta, assim como Lelê e que sua imagem seja construída de forma positiva, conduzindo o leitor a se ver também dessa forma elevando sua autoestima.

É no livro que Lelê encontra resposta para os seus questionamentos, a autora além de trazer uma temática extremamente importante para a construção da identidade das crianças, ainda o faz via leitura, incentivando uma prática que contribui para ampliar o conhecimento, desconstruir estereótipos e conceder cidadania. Fuça aqui, fuça lá/Mexe e remexe até encontrar/O tal livro, muito sabido!/Que tudo aquilo pode explicar.” (Belém, 2012, p.9) O fragmento retirado da narrativa infantil ratifica o escrito sobre a importância da leitura para o conhecimento; Lelê busca respostas para suas indagações sobre seu cabelo, e o livro sobre a cultura africana explicita sua descendência, nele ela lê:

Depois do Atlântico, a[sic] África chama e conta uma trama de sonhos e medos, de guerras e vidas e mortes no enredo também de amor no enrolado cabelo. Puxado, armado, crescido, enfeitado, torcido, virado, batido, rodado. São tantos cabelos, tão lindos, tão belos! (Belém, 2012, p.12)

Na medida em que a história vai se desenrolando e os questionamentos da menina vão sendo respondidos, inicia-se um processo de aceitação da textura do cabelo crespo, antes considerado estranho pela personagem que desconhecia sua origem. A descoberta da ancestralidade faz com que ela sinta orgulho de sua etnia e, a partir de então, inicia a

construção de sua identidade e afirmação racial. Vale ressaltar a importância da representatividade de meninas negras de cabelos crespos como protagonistas dos livros infantis, pois esta representatividade positiva contribui, sobretudo, para a elevação da autoestima das crianças negras.

É perceptível a satisfação da personagem por saber que, seus cachinhos, contam a história de seus ancestrais, reforçando a importância dos seus antepassados para a constituição da multifacetada sociedade brasileira. A obra literária destaca a importância do processo de aceitação dos traços físicos de Lelê, em particular a textura do cabelo que é uma forma de expressar e fortalecer a identidade da criança negra: “Lelê ama o que vê! E você?” (Belém, 2007, p 20). Questionando o leitor a refletir sobre suas características físicas de forma a se amar como é.

Por muito tempo, a cultura afro-brasileira foi silenciada pelo preconceito frente aos padrões enraizados na escravização dos pretos. Nossa sociedade, marcada pelo racismo, destaca o estereótipo de mulheres negras com cabelos alisados e/ou escondidos por turbantes e lenços, de tal modo que até bem pouco tempo, as mães faziam esse alisamento no cabelo das filhas desde pequenas, tolhendo-as da oportunidade de reforçar a beleza dos traços físicos, como a textura dos cabelos crespos/cacheados e dos lábios grossos que, sendo marcadores identitários, o que não é difícil de compreender tendo em vista a ausência de representatividade positiva na literatura. Daí a importância da presença de protagonistas negras nos livros infantis, pois as crianças passam a se identificar com as personagens, principalmente as protagonistas, e a se sentirem bonitas libertando-se da baixa autoestima.

A narrativa analisada oportuniza a identificação das leitoras com Lelê, pois se veem nela representadas; assim como o processo de aceitação de seu corpo foi paulatino para Lelê, também será lento para as crianças que são, cotidianamente, criticadas e depreciadas por terem os cabelos crespos, são poucas as crianças que são empoderadas desde a família, necessitando que a escola desempenhe este papel valorativo e, provocar a leitura desta obra é enriquecedora para formação de uma infância respeitosa e conhecedora de suas origens.

Ao fim e ao cabo da análise de *O cabelo de Lelê* (2012) é justo dizer que de forma bastante delicada, Valéria Belém escreve sobre o drama vivido por diversas crianças pretas em busca de compreender suas origens de iniciar o processo de aceitação de seu corpo que é motivo de racismo no cotidiano das crianças. Lelê vivencia um momento libertador ao aceitar seu corpo, quando descobre suas origens africanas ao conhecer a

História de África. Para além do diferente, o cabelo crespo referênciava uma identidade, marcada por um espaço geográfico, histórico e cultural de ancestralidade a que ela pertence. Ao reconhecer suas raízes em África, Lelê se reconhece positivamente, assim como as(os) leitora (os) do livro que nele se reconhecem.

3.3 AMORAS (2018) DO RAPPER EMICIDA

*Não há melhor palco
para um pensamento que dança
do que o lado de dentro
Da cabeça de criança.
Emicida (2018)*

Considera-se importante iniciar esta análise, partindo de uma informação veiculada na página do G1, em 27 de novembro do ano em curso, sobre um ato de intolerância religiosa, ocorrida na escola particular Clubinho das Letras de Salvador, que indicou o livro de Emicida para o projeto Ciranda Literária dos anos iniciais da Educação Básica.

Segundo o ocorrido, a mãe de um dos alunos, com base em sua crença religiosa, fez rasuras no livro *Amoras*(2018) de Emicida, por considerar as informações sobre os orixás falsas, sobrepondo-as com salmos, versículos e livros bíblicos, o que foi considerado como intolerância religiosa por parte da escola, pelo autor da obra, por todas as pessoas antirracistas, inclusive as mensagens preconceituosas escritas têm a possibilidade de serem caracterizadas como crime de racismo, segundo interpretação de uma advogada que se manifesta na reportagem.⁴

A interpretação equivocada da genitora do aluno acaba por cercear o conhecimento mais amplo sobre cultura e religiosidade diferente daquela adotada por sua família, demonstrando um racismo explícito para tudo que é diferente de sua forma de pensar. O que deveria ser visto como benéfico para a educação da criança passa a ser compreendido como uma ameaça.

Não é necessário repetir que o Ministério de Educação (MEC), em atendimento à Lei 10639/03, ampliada aos indígenas na Lei 11.645/08, obriga o ensino da história afro-brasileira e indígena nas escolas, razão pela qual o livro foi indicado.

⁴ <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2023/03/07/livro-infantil-de-emicida-e-alvo-de-intolerancia-religiosa-praticada-por-mae-de-aluno-em-escola-de-salvador.ghtml>

O livro do rapper, embora indicado para leitura de crianças de cinco anos, pode ser lido por todos aqueles que têm sensibilidade. Ele é atrativo desde a capa que apresenta ilustração positiva de uma linda menina negra de cabelo *black power*, repleta de significações que promove imediata conexão entre os leitores negros e a imagem. A obra conta a história de uma garotinha que está aprendendo a se reconhecer no mundo e que acaba descobrindo sobre sua negritude por meio de diálogo com o pai que faz uma analogia entre a menina e a fruta amora, para reforçar sua beleza e doçura.

A narrativa contribui para uma leitura antirracista, pois aborda o tema com sensibilidade e delicadeza. Neste sentido, o livro destaca a beleza negra pelo poder da imaginação das crianças, além de ampliar conhecimentos sobre as diferentes culturas e sobre o culto aos orixás, uma crença africana, que continua no Brasil sincretizada com os santos do Catolicismo. Os orixás são apresentados em sua ligação com a natureza, de forma que a criança possa compreender a responsabilidade de cada um deles com os elementos naturais como a água, o fogo, a floresta, o vento.

Os heróis de *Amoras* (2018) não são príncipes de olhos claros, cavalgando sobre cavalos brancos e cabelos loiros ao vento como nos contos clássicos europeus, são homens pretos reais que defenderam causas justas, cita-se alguns como Zumbi dos Palmares, Martin Luther King e Malcolm X, grandes líderes das lutas em defesa dos povos negros e afro-descendentes.

Assim como a frutinha madura que dá nome à obra, *Amoras* (2018) é um livro delicado e doce. Emicida consegue tratar de temas tão complexos e caros à humanidade numa linguagem poética com significação profunda, mas de forma simples, de modo que toda criança possa entendê-los. Ademais, esse livro faz parte de um repertório de outros que custou a nascer e, mais ainda, a ser disseminado numa sociedade racista como a brasileira.

O pensamento de Oliveira (2002) corrobora com o que aqui se discute, ao afirmar que “[...] se trata de produções inovadoras em relação à caracterização e ilustração dos personagens negros, dentro do viés de ruptura com a inferiorização dos seres ficcionais delineados, a priori, positivamente”(p.6), valorizando e ressignificando a história e cultura africana, assim como a ancestralidade, chancelada na sabedoria dos mais velhos, que são fonte de sabedoria e inspiração para as crianças e jovens, tornando-os orgulhosos de sua origem. Com as palavras do pai da protagonista: “vão espalhando toda beleza. Me esforço para ensinar, mas foi como aprendi” (Emicida, 2018, p.9)

Nessa perspectiva, ao representar de forma positiva a personagem protagonista, a história corrobora com a afirmação indenitária dos leitores negros e desencadeia reflexões sobre o eu singular e o nós coletivo. A obra reforça a importância de cultivar a autoestima das crianças negras, e o autor o faz de forma muito delicada quando o pai, num pomar de amoras, explica para a filha que as frutas maduras e pretinhas são as mais saborosas, quanto mais escuras mais doces, associando a fruta à cor da pele da filha e às suas qualidades, ao que a garota responde: “Papai que bom, porque eu sou pretinha também!(p 20)” e, ao se perceber de forma positiva, sua autoestima aumenta, pois ela é tão bonita quanto as pretas e adocicadas amoras do pomar, ela sabe que “as pretinhas são o melhor que há!”. Ao se questionar sobre cabelo, impõe-se a delicadeza do autor que os compara a nuvens, ou seja, fofos e macios. “E o pensamento dos pequenos, como surgem? Com os olhos de jabuticaba e cabelos de nuvem” (p. 8). Amora representa o protagonismo de uma criança que, com diálogo antirracista, mostra além da importância de sua cor a beleza de seu cabelo afro. Essa relação é relevante não só para as crianças pretas, mas também para as crianças não-negras, para que aprendam a apreciar e cultivar a pluralidade de que é feito o mundo e não apenas um padrão único de beleza e de caráter.

Ao protagonizar a criança negra, reafirma-se suas qualidades e o pertencimento social, disseminando sua importância de ocupar lugares estratégicos na sociedade a que tem direito. Carone & Bento (2022) reforça a ideia ao escrever que “[...] uma narrativa que apresenta personagens negros fortes e conscientes de sua identidade é capaz [sic] de revigorar a autoestima de crianças e de jovens como negros e contribui para sua construção identitária” (p. 361). Trata-se de uma narrativa contemporânea que ressignifica as questões ético/raciais e a construção da identidade da criança. O autor descreve que o Continente Africano como “[...] o lugar onde a raça humana começou, e por isso, é conhecida como o berço da humanidade”, ressignificando o continente, retirando-o da inferioridade de colonizado de referência de sequestro de escravizados, para um lugar de origem do qual emana todo o ser.

CONSIDERAÇÕES EM CURSO

Nada está concluído, quando o tema é racismo, quanto mais discutimos e aprofundamos no tema, mais complexo ele se torna. Perceber que é na infância que construímos o ser antirracista se mostra como um caminho bastante promissor para a conquista de uma sociedade livre de ranços do passado e aberto ao respeito e às

diversidades histórica, étnica, cultural e tantas outras especificidades de que somos constituídos. Compreender que a humanidade se constrói pelo exercício da compreensão de que cada pessoa é única em sua coletiva-semelhança.

Séculos de Literatura Infantil não foram suficientes para preencher a lacuna criada entre a representação da sociedade brasileira e aquelas personagens fantasmagóricas ilustradas e descritas nas histórias traduzidas da Europa ou aqui escritas para infância. Não bastasse a distância entre a realidade ficcional na qual as crianças não se viam representadas, as histórias pouco espaço deixavam para a imaginação infantil, considerando-se que todas elas traziam o maniqueísmo como recurso para que as crianças aprendessem que fazer o bem garantia recompensa e o seu oposto castigo. Uma atividade pedagógica equivocada por julgar que as ações humanas são dicotômicas.

Logo, ficou evidente que nessas histórias os protagonistas pertenciam a uma raça branca bela e garbosa, que ocupavam lugar na soberania europeia, comiam do bom e do melhor, e tinham características psicológicas de pessoa do bem, inteligentes, corajosas e espertas, razões suficientes para que estivessem no poder e subjugassem aqueles que possuíam pele escura, de aparência “feia”, e com características compatíveis com o mal, faziam bruxarias, eram ladrões, preguiçosos, estúpidos, inepto, razões suficientes para serem subservientes daqueles que possuíam qualidades apreciadas socialmente.

Embora a Literatura infantil tenha evoluído com Monteiro Lobato no que tange à linguagem inovadora e enredos que traziam a sociedade e cultura brasileiras como paradigma, o lugar do negro na sociedade, ficcionalmente representada, coincidia com aquele vivenciado pelo povo negro que aqui fora escravizado, continuavam exercendo atividades como empregados domésticos, carregadores, vendedores ambulantes toda sorte de subempregos, eram pobres, considerados preguiçosos, vadios, violentos e ladrões, as mulheres eram vistas como despudoradas, oferecidas sexualmente, lascivas, meretrizes, em geral, pessoas em quem não se pode confiar.

Tanto a ausência de personagens negras na literatura infantil, como sua escassez, invisibilidade ou silenciamento cerceiam seus papéis social de direito, inculcando na mentalidade infantil que lugar de poder, de sucesso, de desenvolvimento, de ascensão social é espaço de mulher e homens brancos.

O combate ao racismo deve ser ensinado desde o lar na pequena infância, caso não ocorra, a escola toma para si essa tarefa de trazer para o cotidiano historinhas que empoderem crianças sobre a beleza negra e o pertencimento racial, para que essas crianças se sintam pertencentes a uma história e cultura, cuja ancestralidade foi

importante para o país de origem, como, também, contribuiu para a formação da história e da culturas brasileiras, fazendo jus a uma educação mais justa e equânime.

Ao chegar ao final, registra-se a necessidade de apresentar às crianças narrativas, cujas personagens negras representam e empoderam os traços físicos, além de ressaltar as lutas e a resistência afro-brasileira, a fim de romper com paradoxos expostos pela sociedade, nos quais se a identificação se dá com estética de pessoas mais claras enraizada na Europa, da qual o Brasil não faz parte.

À medida que se avolumou a frequência da personagem negra na literatura, após a Lei 6369/03, a ressignificação da história e da cultura afro-brasileira se fortaleceu, e os leitores passam a se identificar com as personagens, pois se sentem nelas representados, seja como forma de empoderamento, seja por apropriação cultural de sua ancestralidade, com seus traços físicos, marcadores de sua raiz.

A literatura infantil com personagens negras, ocupando lugar de fala, reforça a representação positiva de uma minoria excluída e contribui para elevação da autoestima das crianças, além de trazer para o centro do debate uma cultura que foi marginalizada por séculos. Vale ressaltar que é de grande importância disponibilizar histórias que valorizem as personagens negras para que as crianças pretas se sintam representadas, com autoestima elevada e que possam construir sua identidade de forma positiva e respeitosa e as não-negras aprendam a respeitadas as diferenças sejam elas étnicas, sociais, históricas ou culturais.

Ao fim e ao cabo, os livros literários, *A Bonequinha Preta*, *O cabelo de Lelê e Amoras*, buscam, de forma lúdica e delicada, discutir o pertencimento étnico/racial através do empoderamento das protagonistas negras que se reconhecem na força de sua ancestralidade, contribuindo para que os leitores possam, também construir suas identidades de forma positiva, além de trazer para o seu contexto indicativos para uma educação antirracista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, S. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.

BELÉM, Valéria. *O Cabelo de Lelê*; ilustração Adriana Mendonça. São Paulo: Nacional, 2012.

BRASIL. *Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília, 10 jan. 2003
CADERNOS NEGROS, nº 1. São Paulo: Edição dos Autores, 1978.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. *Vários escritos*. 3. ed. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2006; Publifolha, 2006. (Grandes nomes do pensamento brasileiro).

CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva. *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato – vida e obra*. Vol. 1, São Paulo: Brasiliense, 1962.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico da Literatura Infantil/Juvenil Brasileira*. 1882-1982. São Paulo: Quíron, 1983.

EMICIDA. *Amoras*. Ilustrações de Aldo Fabrini. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.

FRANTZ, Maria Helena Zancan. *O ensino da literatura nas séries iniciais*. 3 ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2001. Coleção Educação.

GOMES, Nilma Lino. Ações afirmativas, por que não? In: *Boletim da UFMG*, Belo Horizonte, n. 1347, mai. 2002, p. 02.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

HUNT, Peter. *Crítica, Teoria e Literatura Infantil*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985.

LOBATO, Monteiro. *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Revista do Brasil. São Paulo: Monteiro Lobato & Comp., 1920.

MUNANGA, K. *Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje?* Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, n. 62, p. 20-31, dez. 2015.

MUNANGA, K. (Org.) – *Superando o Racismo na Escola*, 2 ed. Ministério da Educação, Secretaria da Educação e Diversidade, 2005.

OLIVEIRA, A. L. de *A Bonequinha Preta*. Ilustrações Mozan: Rio de Janeiro-RJ: Francisco Alves. 1938.

PROENÇA FILHO, D. A trajetória do negro na literatura brasileira. *Estudos Avançados*, [S.l.], v. 18, n. 50, p. 161-193, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9980>. Acesso em: 5 dez. 2023.

SOUSA, Andréia Lisboa. Personagens Negros na Literatura Infanto-juvenil: rompendo estereótipos In: CAVALLEIRO, Eliane (Org.). *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Selo Negro, 2001.